



O Rio de Janeiro e suas leituras possíveis¹

Mônica C.P. Sousa
Universidade Federal Fluminense²
Universidade Veiga de Almeida³

Resumo

Este artigo apresenta as reflexões de uma pesquisa recém-iniciada que procura confrontar as representações de cidade no discurso jornalístico quanto às temáticas da violência urbana e do turismo. A proposta é levantar questões que evidenciem e problematizem os modos como o jornalismo lida com a complexidade da cidade violenta e da cidade turística. Nestas análises iniciais busca-se compreender como os sujeitos e o jornalismo constroem e reconstróem os discursos que se querem definidores dos espaços urbanos. Como objeto dessas tensões, tomaremos algumas notícias veiculadas sobre o Rio de Janeiro em outubro de 2009, quando da escolha da cidade como sede das Olimpíadas de 2016, período em que também é palco de intensos confrontos armados.

Palavras-chave

Jornalismo; Cidade; Discursos; Violência; Turismo

Introdução

Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma ligação entre eles. (Ítalo Calvino. Cidades Invisíveis⁴).

Para Ítalo Calvino⁵ todas as cidades são parte de uma mesma cidade. Caracterizá-las e defini-las vai depender das lembranças de cada cidadão e viajante, mas, também, dos detalhes que as diferenciam. Entender a representação de fatos da cidade pelos relatos produzidos pela imprensa é uma das maneiras de compreender a própria cidade, sem deixar de perceber que essa perspectiva é apenas um lado do emaranhado de histórias e experiências possíveis.

A cidade como um palimpsesto imprime sensações próprias a cada uma das perspectivas de leitura. São por essas leituras que os meios de comunicação constroem narrativas e discursos norteados tanto pelo conflito urbano quanto pelas apostas de lazer e entretenimento numa cidade como o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que narrativas são tecidas pela baliza de uma cidade marcada pelas balas perdidas, pelos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

³ Professora da Universidade Veiga de Almeida (UVA)

⁴ CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. O Globo: Rio de Janeiro, 2003, p 61

⁵ CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. O Globo. Rio de Janeiro, 2003.



confrontos entre traficantes e policiais, (...) tantas outras se fixam em um modelo pautado na perspectiva de cidade maravilhosa - naquilo que o mundo pode ter de “melhor”,

A narrativa jornalística expõe essas experiências múltiplas justamente por ser a comunicação o lugar da diferença, do dissenso – elas expõem as contradições nos modos de ser/estar/dizer da cidade. A discussão desses diferentes olhares e percepções permite-nos entrever as distintas tessituras características do narrar, evidenciando colaborações e conflitos que marcam a relação autor – texto – leitor. A cidade, sujeito/objeto desse texto, representada nesse processo discursivo tem suas configurações em constante processo de tensão/atualização, na medida em que os movimentos de contextualizar e de descrever jornalístico atingem diferentes percepções e leituras, transportando, assim, para o meio imprensa um discurso que, em certo aspecto, não consegue escapar à complexidade e à polifonia, mesmo quando o propósito seja o de recalá-las.

Conforme observa Resende, as narrativas são como histórias que geram outras, em que seu sentido pode formar outros polos de compreensão do cotidiano:

A narratividade – e aí vale pensar a discursividade em seu sentido ampliado – busca conhecer as falas, inclusive nas suas dissonâncias, com suas respectivas personagens, naquilo que ela também apresenta de contraditório. Ela busca reconhecer, além de tudo, o contexto em que os fatos se dão, sempre no intuito de redimensionar os acontecimentos. Na perspectiva de uma análise da narrativa, por exemplo, podemos perceber o quanto de verdade também se revela nos interditos e nos espaços aparentemente menores.⁶

Quando examinamos a forma como o Rio de Janeiro é evocado pela mídia nacional e internacional, percebemos como seus cenários de conflito e de atrativos turísticos são constitutivos desses discursos. Se, por um lado, a cidade é a representação do caos evidenciado pelos seus conflitos armados, por outro, o imaginário da “cidade maravilhosa” ainda a torna o maior destino turístico do país.

⁶ RESENDE, Fernando. *Discursividade e Narratividade: vértices redimensionados no jornalismo*. Revista *Fronteiras*, 2007, p 89.



A identificação desse tipo de paradoxo, conforme observa Mendonça⁷, conduz à percepção de que as cidades não têm um sentido único ou essência concreta, tal como em certos discursos, porque são apropriações simbólicas polissêmicas que possuem as interpretações modificadas nas relações de poder que compõem a sociedade. Neste sentido, o jornalismo, como instância “autorizada” de produção e circulação de verdades colabora para sedimentar algumas representações “verdadeiras e oficiais” da cidade – que mesmo assim não devem ser confundidas com a cidade em sua concretude, embora também a constituam.

Da beleza e do Caos

Sejam quais forem os problemas enfrentados no Rio de Janeiro, eles estão nos jornais, assim como nos papos de bar, na conversa da fila dos bancos e nos programas de entrevistas. Pautam o cotidiano, assim como são inerentes a ele. Para Morin⁸, as sociedades sempre tiveram seus subterrâneos e submundos, ao contrário do que se possa acreditar. A mídia não inventa nada, embora torne os acontecimentos mais visíveis. Mais do que pensar a mídia como causadora dos problemas que ela retrata, como crêem teóricos da Escola de Frankfurt, Morin é enfático ao defender a “inocência” dos *medias*. Ele utiliza o exemplo da obra de Shakespeare que, recheada pelo lado obscuro da humanidade, nem por isso pode ser acusada de criar as iniquidades que descreve. Longe de ter uma função central, os meios de comunicação desenvolvem inúmeros papéis, dos quais a influência “depende de contexto, dos filtros, de situações históricas, de percursos individuais e de uma série de outros fatores.”⁹

A desordem da vida cotidiana é apontada por Maurice Mouillaud¹⁰ como uma confusão em que tudo ocorre, submetida a incessante metamorfose. E são os meios de comunicação que selecionam as informações desse mesmo cotidiano e interligam os nós das redes do que ele chama de “tecido existencial”. Produtores e produtos da realidade social, os *media* são as mensagens que dão forma e sentido aos acontecimentos cotidianos. Na sua análise da imprensa, Mouillaud propõe o conceito de dispositivo. Para ele, os dispositivos são séries de elementos que preparam o sentido. Não é possível

⁷ MENDONÇA, Kleber. *O Imperador da Chatuba: o jogador Adriano entre a delinquência e o discurso de ‘pacificação’ da cidade*. Intercom, 2010.

⁸ MORIN, Edgar. “A Comunicação pelo Meio”. In: *A Genealogia do Virtual – Comunicação, cultura e tecnologia do imaginário*. MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado (org). Ed. Sulinas. Porto Alegre, 2004.

⁹ Idem

¹⁰ MOUILLAUD, Maurice. *O jornal – da forma ao sentido*. 2ª Ed. UNB, 2002, p. 28 a 47.



pensá-los como algo fechado, limitado. Os dispositivos são encaixados um no outro, como uma teia. Não se trata de pensá-los superiores, antecessores ao texto, como se este estivesse subordinado. É um conjunto de múltiplos sem que a hierarquia os oponha.

Retratos do cotidiano, os jornais como dispositivos enquadram as práticas sociais, priorizando e descartando certos personagens. É a partir dessa concepção que podemos pensar na maneira como o próprio cotidiano do conflito e do “turismo” são construídos pela mídia. Os recortes optam por determinados assuntos, fatos e personagens em unidades de tempo e espaço. Assim os jornais representam o cotidiano: recortes, escolhas e representações que mediam a relação cidadão e cidade.

A representação das mensagens implica as ferramentas técnicas do jornalismo que elaboram a tessitura da intriga e do discurso. Assim, as mensagens são um complexo emaranhado de significados, “fenômeno complexo e mutável, continuamente renovado e, até certo ponto, transformado pelo próprio processo de recepção, interpretação e reinterpretação”¹¹. Dessa maneira, as cenas de violência estampadas diariamente pelos meios de comunicação são elaboradas e veiculadas num contexto representativo, muitas vezes corroborado pelas técnicas do discurso jornalístico e pelo modo como o narrar é construído.

Essa representação de cidade violenta é apenas uma das leituras possíveis do Rio de Janeiro. Outra, que este artigo propõe a confrontação, é a cidade turística, revelada pelas narrativas jornalísticas de viagens. A palavra sedutora do encantamento que procuramos avaliar é a que está numa perspectiva externa, e tomamos como exemplificação o relato de Jean de Lery, descrito por Certeau¹², sobre os Tupinambás. O encantamento do francês está principalmente no que não consegue identificar, naquilo que foge do seu reconhecimento, como a música indígena que ele não consegue descrever. Tal “olhar do turista” gera novas representações da cidade, o que Urry¹³ define como aquilo que se apreende de algo situado além do comum e que, ao mesmo tempo, obedece a certas regras socialmente organizadas e sistematizadas. São tais os domínios que ajudam a construir a própria concepção do olhar viajante. “(...) A era da comunicação de massa transformou o olhar do turista, e muitas características da pós-modernidade já estavam prefiguradas nas práticas turísticas existentes”¹⁴.

¹¹ THOMPSON, John. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria Social da Mídia*. 3 Edição. 1995, p 44.

¹² A descrição de Jean de Lery sobre os tupinambás é descrita mais em detalhes no livro *A Escrita da História* de Michel de Certeau.

¹³ Urry, John. *O Olhar do Turista*. Sesc. Studio Nobel. 3 edição. 2007.

¹⁴ Idem, p 118.



Ora, a cidade que representa muitas vezes o caos urbano brasileiro nas narrativas jornalísticas é a mesma representada por números otimistas para o turismo mundial. Para exemplificar como as ambigüidades estruturam e compõem a cidade, podemos citar um período peculiar na história recente do Rio de Janeiro.

No dia 2 de outubro de 2009, jornais do país e do mundo exacerbavam as qualidades da “Cidade Maravilhosa”, escolhida como sede Olímpica de 2016 – a primeira Olimpíada realizada na América do Sul. Na matéria intitulada “Rio vence e será a sede da Olimpíada de 2016” (site do jornal O Globo), entre os assuntos abordados para informar sobre a vitória estão: “a cidade maravilhosa derrotou seus concorrentes”; “(...) depois de uma apresentação emocionada da candidatura com destaque às belezas cariocas e aos benefícios que a primeira Olimpíada na América do Sul traria à cidade”. A cidade privilegiada por uma geografia peculiar, as praias “paradisíacas”, as particularidades da “carioquice” sustentavam, naquele momento, o “orgulho” brasileiro. A imprensa era o reflexo das praias com telões fixados e das torcidas familiares, dos churrascos que comemoravam a chance de ficar no centro da atenção mundial. E comemorava também o setor turístico principalmente hotéis, bares, restaurantes da Zona Sul da cidade.

Já no site do jornal A Folha de São Paulo, os editores criaram um caderno especial Rio 2016 dividido em várias seções: Cronologia, Economia, Historia, Outras tentativa, Pan-2007, Projeto, Quadro de medalhas, Repercussão, Rio de Janeiro, Segurança. Para nos atermos ao que se propõe esse artigo, verificamos que a seção Rio de Janeiro tem como tema “Altos e Baixos” da cidade e aborda momentos marcantes da cidade: no Altos (Capital Federal até 1960 / surgimento da Bossa Nova com a música “Chega de Saudade” do João Gilberto / O Rock in Rio em 1985 colocando a cidade na rota dos grandes festivais / A Eco 92 e o Pan 2007 / Os grandes eventos turísticos como carnaval e réveillon. Já no Baixos encontramos quatro momentos marcantes: a derrota para a seleção uruguaia na Copa de 1950 / a chacina da Candelária em 1993 / em 2002 bandidos metralham palácio do governo e viaturas policiais / grandes bairros convivem com favelas situadas nos morros que cercam a cidade.

Ainda na Folha de São Paulo, no dia 2 de outubro, com o título “Segurança fica em 2º plano, mas deve custar R\$ 1,38 bi ao Rio-2016”, a matéria aborda entre outras questões o fato de a segurança pública ter sido poupada pelas críticas do Comitê Olímpico Internacional. Na matéria podemos encontrar: “ as deficiências do Rio estão



concentradas no setor hoteleiro e nos transportes”. Em outro trecho encontramos: “Segundo o comite, a cidade não terá grandes problemas para dar segurança ao evento”. Como complemento para explicar a falta de uma análise mais consistente quanto à violência, encontramos uma referência ao fato do Rio de Janeiro não ter histórico e problemas com atos terroristas e que o legado da Olimpíada será um legado antiviolaência.

Nos dias seguintes, cobertura seguia com a busca do jornalismo por detalhes que fossem sustentando novos graus de noticiabilidade. No dia 16 de outubro, a matéria “Rio de Janeiro inicia primeira obra para os Jogos Olímpicos - 2016” apresenta a obra da Zona Portuária (importante ponto turístico que conta a história da cidade), chamada de Porto Maravilha, como um exemplo da disposição dos governos e um novo tempo para o Rio.

Em exatos 15 dias desde o anúncio da “vitória” carioca, a polissemia carioca se faz presente e vemos cidade sobre “outra” cidade. O Rio de Janeiro volta a ser o cerne da questão nacional quando, dia 17 de outubro de 2009, um helicóptero da Polícia Militar foi atingido por tiros de traficantes do Morro dos Macacos e explodiu ao fazer um pouso forçado. No mesmo período, e inclusive na mesma matéria, somos informados de uma série de problemas relacionados à violência urbana – assaltos, tiroteios em áreas nobres e periféricas, invasões de morros, “guerras” entre facções criminosas. O saldo: 12 mortos; tiros que atingiram uma escola municipal e causaram curto-circuito e incêndio em duas salas de aula; oito/dez¹⁵ ônibus incendiados em várias comunidades – aqui vemos “o clima de guerra se espalhou pela cidade”. Ao longo da matéria vários aspectos são abordados para explicar os confrontos: “o enfrentamento do estado ao tráfico como uma política de longo prazo”, a busca do tráfico por espaço e a consequente guerra entre traficantes. Encontramos também um “olho” com o seguinte relato de moradores amedrontados com a violência das últimas horas: “as crianças assustadas queriam sair de casa no meio do tiroteio”. E outras informações sobre o barulho de metralhadoras e fuzis e um vídeo do confronto.

É nesse momento de embate de duas realidades antagônicas que encontramos uma confrontação entre as representações da cidade justamente pela tentativa de defini-la de forma maniqueísta – ou é uma maravilha ou é caos. Em três anos, a cidade se

¹⁵ Em uma parte da matéria encontramos a referência a 8 ônibus incendiados, mas no final há a informação de que o número é contestado pelo Sindicato das Empresas de Ônibus que afirma terem sido dez ônibus incendiados.



prepara para um teste pré-olímpico importantíssimo: a Copa do Mundo de 2014, período em que se supõe uma intensificação dos discursos ufanistas. Os embates entre essas classificações de cidade ganham questionamentos, à medida que novos processos conflituosos venham à tona.

É por esse viés da tensão entre os esforços de sedimentação discursiva e a eclosão de acontecimentos que reinscrevem constantemente o conflito na tessitura da escrita da cidade que esse artigo propõe desviar o olhar do “Rio Maravilha” e do “Rio Desespero” para uma percepção em duas frentes não distintas, que procure nessa ambigüidade o mesmo Rio de Janeiro. Por este viés de pesquisa apresentado acima, por mais que a prática jornalística busque a completude dos fatos, os seus discursos não conseguem abarcar a complexidade dessas determinações que limitam em caracterizações específicas um tecido sócio-urbano marcado pelo múltiplo.

A partir dessas narrativas e discursos “conflitantes” inscrevem-se as relações sociais do Rio de Janeiro e tecem-se os cenários contemporâneos da cidade são construídos por um processo mimético, no sentido empregado por Paul Ricoeur¹⁶. Desta forma, torna-se relevante compreender e apreender os modos que utilizamos para falar desses relatos jornalísticos do cotidiano que caracterizam em parte o Rio de Janeiro.

Outro aspecto preponderante para a análise jornalística referentes aos discursos e à tessitura na qual é traçado diz respeito à importância de se atentar para o que “se revela nos interditos e nos espaços aparentemente menores”. A apreensão dessas “ausências” presentes no texto suscita possibilidades de recuperá-las como portadoras de sentido entre as representações extremadas da cidade da beleza e da cidade do caos. Desta perspectiva, não há como desconsiderar o “inaudito”¹⁷ como inerente à cidade e a sua representação fraturada no discurso jornalístico que se pretende “limpo”. A percepção do conflito nessas representações é essencial em nossa busca de apreender o múltiplo desse campo de forças, evitando reproduzir definições limitadoras que não levam em conta a complexidade tanto do narrar quanto da própria cidade.

Tal complexificação abre-nos a possibilidade de olhar para o jornalismo para além dos preceitos definidores de suas práticas e, dessa maneira, vislumbrar diálogos mais efetivos do jornalismo com a amplitude de narrativas e imaginários que constituem os espaços e tempos da cidade. Como propõe Queré¹⁸, os meios de comunicação são

¹⁶ RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I. Papyrus Editora, 1994.

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹⁸ QUERÉ, Louis. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. (mimeo).



decisivos em seus papéis de suportes para o debate público através dos quais as soluções são elaboradas ou experimentadas. É fundamental buscar perceber as articulações entre os modos de tecer as narrativas e o poder agenciador dos discursos para que se possa ir desvelando estratégias de produção de realidades tão distintas. Quando apreendemos, como o propõe Queré, que os acontecimentos “são relativos ao que nós somos, às nossas capacidades e ao nosso sentido do possível, à maneira como somos afetados e ao nosso poder de resposta, aos nossos hábitos e à nossa sensibilidade”¹⁹, estabelecemos que o acontecimento numa cidade como o Rio de Janeiro é mais do que um fato dotado de valor e sentido para a própria cidade ou para os seus sujeitos; e sim ele é o próprio portador e criador de sentido.

Discursos, narrativas e representações

Ora, se as notícias que retratam a violência urbana no Rio, assim como as que exaltam suas maravilhas abrem um leque amplo de sentidos, faz-se necessário compreender como essas articulações introduzem novas possibilidades interpretativas que se estendam para além do próprio acontecimento. Justamente porque seus efeitos se alongam, primeiro, a lugares outros que o próprio Rio de Janeiro e, segundo, porque os sentidos gerados estão tanto no futuro – com seus efeitos, suas conseqüências e suas situações veladas e reveladas – quanto no passado – daquilo que insurge a partir do acontecimento presente que traz à tona novos recursos interpretativos desse passado. Compreender, portanto, de que maneira se imbricam esses opostos de “caos/maravilha” e como passado e futuro de cada leitura se inserem simultaneamente pode nos levar a melhor apreender a dinâmica de produção de sentido e construção de representações no universo narrativo e discursivo da cidade.

Sabendo que a constituição de espaços e identidades implica sempre a necessidade de um narrar, e que narrar supõe contextualizar e descrever, são válidas as contribuições de Paul Ricoeur²⁰, já mencionado ao longo desse projeto. Em suas análises, o autor concebe a narrativa como processo mimético de três momentos simultâneos, processo este no qual a hermenêutica transita para além da simplificação sujeito/texto, havendo sempre a possibilidade do surgimento de novas leituras. A visão de um tempo ditado pela experiência de uma não-linearidade nesses modos miméticos de Ricoeur (prefiguração, configuração e reconfiguração) permite perceber a

¹⁹ Idem, p.15.

²⁰ RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I. Papyrus Editora, 1994.



configuração textual, justamente, pela articulação das mimeses - sendo tal relação que configura a narrativa como mediação.

A visão de complexidade apresentada entre os modos miméticos não demarca fronteiras precisas sendo, antes, uma abordagem focada no (e pelo) movimento que vai estabelecer através da tessitura da intriga²¹ articulações de formas simbólicas. A própria idéia de objetividade jornalística estaria “enquadrada” na esfera desse simbólico, que se articula como estratégia para dar ao jornalista os “modos de dizer”, no que Ricouer chamou de contexto de descrição para ações particulares²². Deste modo, as dimensões simbólicas são tomadas por relações sociais de conflito, de poder, de negociação, de ideologia, daquilo que o autor definiu como mundo prefigurado²³.

Dessa maneira, para compreender como a cidade narrada pode ser também um texto, já que repleto de significações e de jogos maniqueístas - que Ricouer define como polos de bondade e maldade - propomos analisar as ambigüidades maniqueístas desses sentidos em Maffesoli²⁴, para quem a parte do diabo é estruturante na manutenção do equilíbrio. É com base nesse jogo de interpretações em movimento que, a partir de Ricouer, buscaremos fundamentar a comunicação para além do sentido do texto, projetado pela idéia de mundo do leitor. Não se trata da opção por um estilo de análise, mas de pensar a narrativa como uma brecha para a ressignificação de subjetividades em constante “construção”. Esse contexto será problematizado nos estudos desse autor, conforme propõe Resende²⁵, por sua perspectiva de entender a narrativa como o caminho pelo qual é possível promover os encontros e decifrar os enigmas (e as brechas) entre as representações do Rio de Janeiro em suas leituras possíveis.

Nas palavras de Ricouer, a narrativa pode ser tanto uma história sensata de um acontecimento ou aquilo que transforma o acontecimento em uma história sensata. É por esse viés que entendemos como necessário um embasamento para os estudos do “acontecimento”, cuja importância para a análise de relatos é assim manifesta:

²¹ Intriga no sentido empregado por Aristóteles e retomada por Ricouer em *Tempo e Narrativa – composição verbal que faz com que o texto se transforme em narração*.

²² RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Volume I. Papyrus Editora, 1994, p, 93.

²³ Ricouer tomou de Clifford Geertz, em *The Interpretation of the Cultures* essa concepção da relação do simbólico com os processos culturais que articulam a experiência.

²⁴ MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro. Record, 2004.

²⁵ RESENDE, Fernando. *O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades de encontro*. Revista Galáxia, São Paulo, n 18, p. 31-43, dez, 2009.



(...) um acontecimento deve ser mais do que uma ocorrência singular. Ele recebe sua definição de sua contribuição para o desenvolvimento da intriga. Uma história, por outro lado, deve ser mais que uma enumeração de eventos numa ordem serial, deve organizá-los numa totalidade inteligível, de tal sorte que se possa sempre indagar: qual o tema da história. Em resumo, a tessitura da intriga é a operação que extrai de uma simples sucessão uma configuração.²⁶

Deste modo faz-se imprescindível buscar perceber, nessas narrativas, como os discursos se estabelecem, levando em conta as “convenções de veracidade” do jornalismo, que Barbosa²⁷, numa leitura de Ricouer, chama a atenção para a questão da “peripécia” como aquilo que vai caracterizar as narrativas do cotidiano, principalmente, no jornalismo de sensações. Por esse ponto, analisar os relatos de acontecimentos se torna essencial, inclusive se os consideramos pela perspectiva de Barthes²⁸, para quem a partir do momento em que a realidade intervém, aquilo que é notável é o digno de memória, mesmo que anteceda o notado. Esse jogo de tempo circular pelo qual o mundo “inventado” da narrativa desliza no real acontecido do jornalismo - num paradoxo entre a própria narrativa e a realidade representada por ela - reverbera imaginários e suscita novos questionamentos quanto ao lugar do real. É daí a importância de problematizar que representações de Rio de Janeiro são essas nas diferentes narrativas e de que maneira, ao tecer os relatos, se constrói o real (ou aquilo que podemos chamar de “efeito de real”).

Ao considerarmos os discursos como desejos e intenções (claras ou não) encontramos na obra de Foucault²⁹ as relações conflituosas entre os discursos e a vontade de verdade, articulando-as às reflexões sobre conceitos como verdade e realidade e à maneira como eles estão associados ao enunciado e à própria “ordem” do discurso jornalístico. Como propõe a pesquisadora argentina Beatriz Sarlo³⁰, as cidades carregam as discrepâncias e os entrecruzamentos daquela real e daquela imaginada. A diferença entre elas está no sistema de simbolização e deslocamento da que é imaginada – os discursos vão produzir ideias, figurações, ordens, proibições, instruções (...). A cidade existe no próprio discurso já que não há cidade sem discurso.

²⁶ RICOUER, Paul. *Tempos e Narrativa*. Volume I. Papyrus Editora, 1994, p, 103.

²⁷ BARBOSA, Marialva. *O Filósofo do sentido e a comunicação*. In Percursos do Olhar: Comunicação, Narrativa e Memória. EdUFF, Niterói. 2007.

²⁸ BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Ordem do Discurso* São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Microfísica do Poder*. Edições Graal. Rio de Janeiro. 2008.

³⁰ SARLO, Beatriz. *La ciudad vista*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2009.



Essa análise conjunta da narrativa e do discurso como transgressores da idéia de finitude é o caminho para, nessa proposta, basearmos o próprio percurso da análise como “acontecimento”, a partir de seu caráter hermenêutico discutido por Louis Quiré³¹. Para o autor, a mediação da narrativa não é suficiente para explicar a hermenêutica do acontecimento, que se constrói na experiência e é determinado por ela. Como nos explica o autor, “a experiência é, pois, aquilo pelo qual um sujeito e um mundo se constituem, confrontando-se com o acontecimento, na articulação mais ou menos equilibrada de um saber e de um agir”.³² Ora, Quiré, já pensando numa análise dos meios de comunicação na sociedade em que nos encontramos, propõe entender o acontecimento como algo que tem o poder de esclarecer o contexto no qual está inserido, de revelar sentidos, de interligar intrigas. E a imprensa aparece nessa relação como suporte de identificação, de exploração e de debate público. Compreender o acontecimento, nesse sentido, é recorrer à sua individualidade no futuro e ao destino que a partir dali se mostra, ao mesmo tempo em que se alonga também para o passado porque permite descobri-lo à luz de novas perspectivas e novos recursos interpretativos.

Repercutindo as análises dos acontecimentos pelo critério temporal, faz-se necessário pensar as memórias coletivas apropriadas pelos *medias* como potencial para a construção da realidade, para a capacidade de recriar infinitas realidades em um relato.

O texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre as duas espécies de ‘expectativa’ combinadas: a que organiza um espaço legível (uma literalidade) e a que organiza uma *démarche* necessária para a efetuação da obra (leitura).³³

Pensar coletivamente é recriar histórias, conversações e reinventar o cotidiano. Já para Sócrates, a escrita se mostrava a inovação que colocava em risco o poder da memória. Tal postura deixa implícitos os questionamentos quanto à interferência das interações na representação da mensagem. O que os *medias* fazem é aumentar exponencialmente a capacidade de transformar e transmitir. É a partir da compreensão da diferença entre o narrar e o descrever da era clássica que Certeau explica a representação do cotidiano. Para o autor, a narrativa é por si mesma uma ficção, à medida que não busca ajustar-se à realidade. Divulgar uma notícia é recriá-la com outras ferramentas e, por isso mesmo, retratar pela ficção, criando um equilíbrio entre a

³¹ QUIRÉ, Louis. *Entre o Facto e Sentido*. (mimeo)

³² Idem, p 18.

³³ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. Vozes. Petrópolis. 2004. Os grifos na citação foram destacados pelo autor.



circunstância e o “contador”, que o autor chama de “questão de tato” ao se referir ao manejo das informações.

Por esse ponto de vista é fundamental pensar a representação pela obra de Stuart Hall³⁴, principalmente no tocante às articulações entre as contradições sobre distintas especificidades nas diferentes modalidades, e assim buscarmos teorizar sobre a complexidade da “unidade” (ou a unidade na diferença) da cidade em sua pluralidade dos discursos. Encontramos em Hall as análises de como se processa o repensar a diferença e a unidade, na por meio de substituição uma pela outra, mas de pensar ambas pelo que o autor define como articulação³⁵. É por esse pensamento de articular as diferenças da unidade que refletimos as práticas e as informações como responsáveis por provocar e/ou construir a cidade não pela dicotomia, mas pela articulação dos espaços/modalidades que formam a complexa unidade de múltiplos.

Nesses diversos discursos, as representações surgem como resultado de sistemas de significados pelos quais representamos o mundo e pelos quais construímos uma ideologia³⁶ - resultado de praticas específicas na produção do significado. Daí que os sistemas de representações não são únicos, mas múltiplos em qualquer formação social – não operam em ideias isoladas; ao contrário, em cadeias e formações discursivas.

(...) As ideias não flutuam simplesmente no espaço vazio. Sabemos que elas estão lá porque se materializam nas práticas sociais e as permeiam. Neste sentido, o social nunca está fora do semiótico. Cada prática social é construída na interação entre significado e representação e pode, ela mesma, ser representada. Em outras palavras, não existe pratica social fora da ideologia.³⁷

Apoiado nos trabalhos de Althusser, Hall entende, inclusive, o real como também um resultado dos sistemas de significação. A vida da experiência locada dentro da cultura, do significado e da representação impossibilita viver o real justamente porque precisar o que é real é usar dessas classificações.

Considerações finais

Deste modo, como experimentamos o mundo pela representação da cultura e a experiência é um produto de códigos e de esquemas de interpretação, não há experiência

³⁴ HALL, Stuart. “Representações e Ideologias”. In: *Da Diaspora – Identidades e Mediações Culturais*. UFMG, Belo Horizonte, 2003.

³⁵ Idem.

³⁶ Como ideologia, Hall compreende os referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona.

³⁷ Idem, p 169.



fora dos sistemas de representação e, conseqüentemente, podemos sempre definir de maneiras distintas um mesmo objeto ou condição objetiva no mundo real. É o que pretendemos mostrar nesse breve artigo que as aparentes discrepâncias entre os discursos sobre o Rio de Janeiro caótico e o Rio de Janeiro maravilhoso fazem parte de uma construção / reconstrução dos sentidos da cidade que, nem por isso, são definidores da metrópole tão peculiar como o Rio. Se no dia 2 de outubro fala-se dos investimentos em transportes e relega-se a segurança a um segundo plano, em menos de duas semanas o mesmo transporte do investimento tem um prejuízo de R\$ 2,5 milhões.

Ao expor teorias para essa pesquisa, temos a mesma performance da imprensa em tentar criar um real. Nosso suporte técnico são as referências destacadas, o caminho que traçamos entre as teorias para que estejam ordenadas e façam sentido – dentro do ponto de vista de sentido que se queira criar.

A partir desta base teórica da pesquisa que se inicia, e que tem neste artigo seu primeiro pensamento, é que se constrói um alicerce para o estabelecimento de diálogos com outros autores, levando em conta a narrativa/discurso como lugar privilegiado de observação do mundo em movimento. Se há modos de dizer que cedem espaço a modos de ser como estratégia de legitimação, como propunha Foucault, ao olhar para narrativa é preciso deixar em aberto tais pressupostos porque olhá-la é estar apto a apreender o que elas não são capazes de definir, de dizer, de evidenciar.

Referências Bibliográficas

CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. O Globo. Rio de Janeiro, 2003.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. Editora da Universidade UFRGS.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1994.

GUIMARAES, César. Fraca, Vera. “Mídia: um aro, um halo e um elo”. In: *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. César Guimarães e Vera França (org). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

JAGUARIBE, Beatriz. *O Choque do Real: estética, mídia e cultura*. Rocco, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro. Record, 2004.

MATOS, Olgária. In: *Discretas Esperanças*. Nova Alexandria, São Paulo, 2006.



MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Ed. Cotriz. São Paulo. (s/data).

MENDONÇA, Kleber. *O Imperador da Chatuba: o jogador Adriano entre a delinquência e o discurso de “pacificação” da cidade*. Intercom, 2010.

MORIN, Edgar. *Método 6 – Ética*. Sulinas. Porto Alegre. 2007.

_____. “A Comunicação pelo Meio”. In: *A Genealogia do Virtual – Comunicação, cultura e tecnologia do imaginário*. MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado (org). Ed. Sulinas. Porto Alegre, 2004.

MOUILLAUD, Maurice. *O jornal – da forma ao sentido*. 2ª Ed. UNB, 2002. Página 28 a 47.

QUERÉ, Louis. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. (Mimeo).

RESENDE, Fernando. “O olhar às avessas - a lógica do texto jornalístico”. São Paulo: ECA/USP, 2002. (tese de doutoramento).

_____. *Discursividade e Narratividade: vértices redimensionados no jornalismo*. Revista Fronteiras. 2007.

_____. (2002a). *Textuações – o factual e o ficcional no Novo Jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume/Fapesp

_____. (2006). “O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista”. In: LEMOS, A. BERGER, C; BARBOSA, M. *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina

_____. (2008a). “(Des)caminhos: o jornalismo e seus desafios metodológicos”. In: *Revista Galáxia*. São Paulo: PUC-SP, n.15 / julho.

_____. (2008b). “Espaços parciais, espaços de resistência: relatos e conflito no cenário contemporâneo”. In: GOMES & MARGATO (org.). *Espécies de espaço: territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: UFMG

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Volume I. Papyrus Editora, 1994.

RIO, JOAO DO. “O dia de um Homem em 1920”. In: MARTINS, Luis (org). *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, Mídia e Violência*. 2 Edição. Ed. Sulinas e Edipucrs, Porto Alegre, 2006.

URRY, John. *O Olhar do Turista*. Sesc. Studio Nobel. 3 edição. 2007.

OGlobo - *Tiroteio no Morro dos Macacos leva pânico a Vila Isabel e Grajaú e derruba bbbhelicóptero da PM*. <http://Oglobo.Globo.Com/Rio/Mat/2009/10/17/Tiroteio-No-Morro-Dos-Macacos-Leva-Panico-Moradores-De-Vila-Isabel-Grajaú-Derruba-Helicoptero-Da-Pm-768099949.Asp>

OGlobo – *Lgrimas na comitiva brasileira durante defesa da candidatura*

<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/10/02/lgrimas-na-comitiva-brasileira-durante-defesa-da-candidatura-767878824.asp>



OGlobo - *Rio de Janeiro vence e será sede da Olimpíada de 2016.*

<http://oglobo.globo.com/rio/rio2016/mat/2009/10/02/rio-de-janeiro-vence-sera-sede-das-olimpiadas-de-2016-767879632.asp>

Folha de São Paulo - *Rio de Janeiro inicia primeira obra para os Jogos Olímpicos-2016*

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u638976.shtml>

Folha de São Paulo - *Segurança fica em 2º plano, mas deve custar R\$ 1,38 bi ao Rio-2016*

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u632546.shtml>

Folha de São Paulo - *Especial Rio 2016*

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2009/rio2016/>